etrovisor



Flagrantes da nossa história sobre rodas



A pequena grandiosa de Londrina

Por Luciene Antunes

Na cabine de som, em 1953, a funcionária do terminal rodoviário de Londrina (PR) anunciava os horários dos ônibus das cerca de 6 000 pessoas que chegavam à cidade somente nos finais de semana. De frente para a série de sete abóbadas e pilares de pastilhas verde-água que abrigavam as sete plataformas de embarque, quem assumia o microfone por vezes contemplava o caos instaurado na pequena rodoviária. Pequena pela modéstia das dimensões, já que seu projeto, concluído em 1952, subestimava o crescimento acelerado da

população londrinense. Os primeiros urbanistas da cidade, inaugurada em 1934, previam 30 000 habitantes para esta que atualmente abriga por volta de 500 000 moradores.

Se o espaço físico era pequeno, o projeto e o significado da construção para a "Londres paranaense" eram grandiosos. Primeira obra modernista do interior do estado, a rodoviária – dos arquitetos João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi – era passagem obrigatória de colonos e imigrantes desbravadores do norte e do centro-sul paranaense.

Quem desembarcava tinha uma visão privilegiada da cidade, através das transparências das vidraçarias e dos grandes espaços abertos. Essas eram algumas das marcas registradas dos arquitetos, assim como rampas, pastilhas e telhados em "V". A localização era central, ao lado da estação ferroviária. Tombada pelo Patrimônio Histórico em 1974, a rodoviária operou até 1988 e abriga, hoje, o Museu de Arte de Londrina. O entra-e-sai de ônibus foi transferido para a atual rodoviária, cujo projeto inicial era de Oscar Niemeyer.

